GREGOLIN, Maria do Rosário. A HISTÓRIA DA LOUCURA DE MICHEL FOUCAULT: um livro seminal no vórtice infinito de leituras. Dossiê "60 anos da obra História da Loucura, de Michel Foucault". **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, Edição Especial, p. 05-24, 2022. (ISSN: 2317-1006 - online).
____

A *HISTÓRIA DA LOUCURA* DE MICHEL FOUCAULT: UM LIVRO SEMINAL NO VÓRTICE INFINITO DE LEITURAS

HISTÓRIA OF MADNESS BY MICHEL FOUCAULT: A SEMINAL BOOK IN AN ENDLESS VORTEX OF READINGS

Maria do Rosário Gregolin[1]

Resumo: Este texto tem o objetivo de expor os principais temas desenvolvidos na *História da Loucura na Idade Clássica*, de Michel Foucault. Minhas discussões pretendem ser didáticas: apresento de forma panorâmica essa história da loucura foucaultiana como uma epistemologia histórica, retomando alguns leitores que dialogaram e polemizaram com Foucault em torno de seus grandes eixos. Destaco, a seguir, a polêmica travada com Jacques Derrida (1963) em seus pontos essenciais e a resposta de Foucault a essas críticas, feita nove anos depois. Acentuo, ainda que, em 1972, na segunda edição da *História da Loucura*, Foucault mantém todo o conteúdo desenvolvido em sua primeira edição, entretanto ele inclui dois textos de resposta a Derrida e, além disso, faz duas alterações paratextuais: o título perde sua primeira parte (*Loucura e Desrazão*) e o Prefácio (1961) é substituído por um curto não-prefácio que se constitui em uma magnífica aula sobre os discursos, a função autor, a ordem do discurso, as leituras e seus sentidos.
Palavras-chave: História da Loucura; Michel Foucault; Epistemologia.

Abstract: This text aims to expose the main themes developed in Michel Foucault's *History of Madness in the Classical Age*. My discussions intend to be didactic: I present in a panoramic way this history of Foucauldian madness as a historical epistemology, resuming some readers who dialogued and polemicized with Foucault around its main axes. I then highlight the polemic with Jacques Derrida (1963) in its essential points and Foucault's response to these criticisms, made nine years later. I also emphasize that in 1972, in the second edition of the *History of Madness*, Foucault maintains all the content developed in his first edition, however he includes two texts in response to Derrida and, in addition, makes two paratextual changes: the title loses its first part (*Madness and Unreason*) and the long Preface (1961) is replaced by a short anti-preface that constitutes a magnificent lecture on discourses, the author function, the order of discourse, readings and their meanings.
Key-words: History of Madness; Michel Foucault; Epistemology.

APRESENTAÇÃO

> Fazer a história da loucura significará dizer: fazer um estudo estrutural do conjunto histórico – noções, instituições, medidas jurídicas e policiais, conceitos científicos – que mantém cativa uma loucura cujo estado selvagem jamais poderá ser restituído em si mesmo; mas a despeito desta inacessível pureza primitiva, o estudo estrutural deve

[1] Docente do Departamento de Linguística, Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara, SP. E-mail: mrgregolin@gmail.com

> remontar em direção à decisão que, ao mesmo tempo, liga e separa razão e loucura; deve tender a descobrir a troca perpétua, a obscura raiz comum, o afrontamento originário que dá sentido tanto à unidade quanto à oposição do sentido e do insensato. Assim, poderá reaparecer a decisão fulgurante, heterogênea ao tempo da história, mas inapreensível fora dela, que separa da linguagem da razão e das promessas do tempo esse murmúrio de insetos sombrios. (FOUCAULT, M. 2002b, p. 158)

Neste dossiê comemorativo dos 60 anos desde a publicação do livro de Michel Foucault, *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge classique* (*Loucura e desrazão. História da Loucura na Idade Clássica*, 1961), este meu texto apresenta alguns dos principais temas desenvolvidos nessa grande obra, articulando-os com o contexto epistemológico do momento de seu surgimento. É nesse sentido que as discussões empreendidas focalizam esse livro como uma proposta de epistemologia histórica, como um embrião das obras posteriores e da *arqueologia* foucaultiana. Sustenta essa hipótese o fato de Foucault haver retornado aos temas da loucura e do enclausuramento em vários momentos da sua reflexão futura, inserindo a sua história da loucura em uma *arqueogenealogia* e focalizando os dispositivos de saber e de poder que estabelecem, em cada momento histórico, as repartições entre o louco e o são, entre o normal e o anormal. Para a exposição sobre esse livro seminal, retomo alguns leitores que dialogaram e polemizaram com Foucault em torno de seus grandes eixos. Entre essas polêmicas, destaca-se aquela travada com Jacques Derrida em 1963 acerca da metodologia empregada, da periodização da história da loucura e, particularmente, da interpretação sobre a loucura e o *cogito* cartesiano. A resposta de Foucault a essas críticas, feita nove anos depois, discorre longamente sobre a relação entre *cogito* e loucura na *Primeira Meditação* de Descartes (1641) e faz uma crítica vigorosa às posições de Derrida frente à Filosofia. Como consequência desse debate, a segunda edição da *História da Loucura* (1972) apresenta-se com algumas modificações. Foucault mantém todo o conteúdo desenvolvido em sua primeira edição, entretanto acrescenta como anexos dois textos de resposta a Derrida: *Meu corpo, este papel e este fogo* (1972; 2014a) e *A loucura, a ausência da obra* (1964; 2002a). Além dessas inclusões (que trazem para o livro as palavras de Derrida e as contra- palavras de Foucault), mais duas alterações são realizadas: suprime-se a primeira parte do título do livro (*Loucura e Desrazão*) passando,

a partir de então, a chamar-se *Histoire de la folie à l’âge classique* (1972)[2]; além disso, o Prefácio da primeira edição é substituído por um curto *não-prefácio* que se constitui em um vigoroso ensaio sobre discurso, leitura e sentido.

A HISTÓRIA DA LOUCURA: uma epistemologia histórica

Em 20 de maio de 1961, Foucault defendeu sua tese denominada *Folie et déraison. Histoire de la folie à l’âge classique*, tendo como examinadores grandes pensadores da sua época: Henri Gouhier, Georges Canguilhem e Daniel Lagache. No outono daquele ano, o estudo foi publicado em livro com o mesmo título da tese.

Loucura e Desrazão. História da Loucura na Idade Clássica é um desses livros que já nasceram destinados a um grande e frutuoso futuro. No momento de sua publicação, há 60 anos, ele foi, imediatamente, objeto de louvores e críticas, de homenagens e detratações. E assim tem sido ao longo do seu tempo de vida, objeto de um infinito jogo de comentários infensos e/ou elogiosos.

Muitos contemporâneos eminentes, como Roland Barthes, Fernand Braudel e Maurice Blanchot, saudaram vivamente as novidades dessa obra que vinha revigorar as discussões da história e da epistemologia. Em carta à sua amiga Franca Madiona, o mestre Louis Althusser mostrou-se pujantemente mobilizado pelas palavras de Foucault:

> Acabei de ler o livro. Magnífico, impressionante, genial, uma confusão mas uma luz, cheio de visões, traços noturnos e relâmpagos de aurora, esse livro crepuscular como Nietzsche mas luminoso como uma equação… Agora que acabei de ler certamente vou falar dele. (ERIBON, 1996, p. 191)

Luzes e sombras, traços noturnos e relâmpagos de aurora: nas belas imagens de Althusser podemos captar o impacto que o livro provocou nas maiores mentes de seu tempo. E, certamente, continuou impactando, pois a importância desse estudo ressoou ao longo dos anos. Tanto que, em novembro de 1991, o IX Colóquio da Sociedade de História da Psiquiatria e da Psicanálise teve como tema os *30 anos da História da Loucura*, cujos ensaios estão reunidos no livro organizado por Élizabeth Roudinesco (1994). No Brasil, em 2011, comemorou-se *50 anos da História da Loucura* e os textos

[2] A edição em português intitula-se *História da Loucura* (FOUCAULT, 2004).

desse evento estão reunidos em Muchail e outros (2013). E nós, hoje, entramos nesse vórtice infinito de leituras, comemorando os 60 anos da *História da Loucura*.

O interesse de Foucault pela psicologia e pela loucura foi forjado no seu contato com grandes mestres como Binswanger, Canguilhem, Lagache, Hypolite, Althusser etc. todos ícones do pós-guerra francês. Conforme nos revela Didier Eribon (1990), o diálogo com esses estudiosos da psicologia, da epistemologia e da história formam em Foucault o seu desejo de pesquisar a emergência da divisão entre razão e loucura. Esse desejo se concretiza, na *História da Loucura*, no gesto de pensar a historicidade das formas da experiência-limite dessa cisão:

> Interrogar uma cultura sobre suas experiências-limites é questioná-la, nos confins da história, sobre um dilaceramento que é como o nascimento mesmo de sua história. Então, encontram-se confrontados, em uma tensão sempre prestes a desenlaçar-se, a continuidade temporal de uma análise dialética e o surgimento, às portas do tempo, de uma estrutura trágica. (FOUCAULT, 2002b, p. 154)

Na Abertura do evento que comemorou os 30 anos de publicação da *História da Loucura*, o mestre George Canguilhem mostra a dimensão desse livro para o pensamento de Foucault e outros de sua geração, o quanto ele foi determinante para o que viria a seguir:

> Trinta anos depois! Desde 1961, outras obras de Foucault, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas*, *História da sexualidade*, em parte eclipsaram a cintilação inicial da História da Loucura. [...] Mas, para mim, 1961 continua e continuará sendo o ano em que se descobriu um verdadeiro grande filósofo. Eu já conhecia pelo menos dois que haviam sido meus colegas de estudos, Raymond Aron e Jean-Paul Sartre. Eles não eram indulgentes um com o outro. Também não eram indulgentes em relação a Michel Foucault. Um dia, contudo, os três foram vistos juntos. Era para apoiar, contra a morte, uma aventura sem fronteiras. (CANGUILHEM, 1994, p. 37)

Do mesmo modo, rompendo um longo silêncio, Jacques Derrida, que anos antes havia travado uma batalha teórica e metodológica em torno da *História da Loucura*, toma a palavra para um acerto de contas com o passado: "Esse grande livro de Foucault foi, há trinta anos, um acontecimento que nem mesmo tento identificar, e muito menos medir,

no fundo de mim, a repercussão, tanto ela foi intensa e múltipla em suas figuras." (DERRIDA, 1994, p. 52)

As falas desses dois insignes pesquisadores franceses contemporâneos de Foucault nos dão a dimensão da importância que *História da Loucura* representou desde o momento de seu surgimento há 60 anos.

Muitas novidades vieram à luz nessa obra ao longo de todos esses anos. Talvez a principal delas seja o fato de que a *História da Loucura* não propõe fazer uma história da verdade sobre a loucura, ou uma história de sua constituição como objeto de um determinado campo de saber. A tradição acadêmica em que se situa Foucault é a da epistemologia crítica (com George Canguilhem, Jean Hyppolite, Gaston Bachelard etc.) que questiona as pretensões de verdade dos discursos científicos e suas condições históricas de possibilidades de emergência. Por isso, antes de falar da história dos discursos sobre a verdade da loucura, Foucault propõe lançar o olhar sobre a história do *silenciamento* da loucura, da *exclusão* do louco como consequência da divisão entre razão e loucura e que ocorre como um *acontecimento* em um momento determinado da história europeia.

Conforme explica no Prefácio da primeira edição, Foucault se propõe fazer a história da loucura *na idade clássica*, entendendo o *Classicismo* como o período que vai de Descartes a Kant, com suas estruturas de racionalidade que fornecerão as condições de possibilidade para o advento da modernidade. Duas datas, segundo Foucault, marcam a história da loucura na idade clássica: a criação do *Hospital Geral*, na Paris de 1657, com suas exigências de internamento de desordeiros (insanos, libertinos, desempregados etc.) e a Paris revolucionária de 1794, quando se instaurou o mito da liberação dos loucos acorrentados em hospitais (*Bicêtre* e *La Salpêtrière*), realizada por Pinel.

Esses acontecimentos, que são políticos, econômicos e sociais, determinaram transformações no conceito de loucura como objeto de discursos. Para analisar esses discursos, Foucault manipula um extenso arquivo, composto por mais de vinte mil textos, entre manuscritos, livros e tratados de medicina. Essa volumosa massa de documentos leva a *História da Loucura* foucaultiana a tratar de experiências-limites da loucura, expressas em várias materialidades (pintura, literatura, textos científicos etc.), em vários campos do saber (na medicina, na filosofia, no âmbito moral e legal etc.) e em diferentes épocas (do século XVI ao século XIX). O vasto estudo empreendido a partir desse arquivo

constitui a análise das representações dessas experiências em linhas de descontinuidade que atravessam outros saberes e práticas, formando um dispositivo que possibilita a concepção moderna da oposição entre normal/anormal, entre razão /loucura. A *História da Loucura* é, portanto, a análise de um *acontecimento* – a loucura – a partir de experiências históricas que determinaram o silêncio e a exclusão. Assim se expressa Foucault em conferência realizada em 1970, na Universidade de Tóquio:

> A loucura, em uma sociedade como a nossa é, antes de tudo, o que é excluído. Eu me pergunto se não se poderia estudar o racionalismo clássico ou, de maneira mais geral ainda, o sistema de racionalidade de nossas sociedades, estudando, ao mesmo tempo que o sistema positivo de racionalidade, o sistema negativo da exclusão. Que forma de loucura se exclui? Como se exclui a loucura? Como se recorta e se traça um limite entre o que é razão ou loucura? Talvez seja precisamente colocando-se nesse eixo do limite, nessa fronteira, nessa lâmina de faca entre a razão e a desrazão, entre a loucura e a não loucura que se poderá compreender ao mesmo tempo o que é reconhecido e admitido positivamente por uma sociedade e o que, por essa mesma sociedade, por essa mesma cultura, é excluído e rejeitado. (FOUCAULT, 2014b, p. 315)

Como nos explica Foucault em outra conferência, desta feita em Quioto, no mesmo ano de 1970 (FOUCAULT, 2002c, p. 259-267), em todas as sociedades existem pessoas que têm comportamentos diferentes dos das outras, que escapam às regras comumente definidas em, pelo menos, quatro domínios: o do trabalho ou produção econômica; o da sexualidade e da família; o da linguagem e da fala; o das atividades lúdicas como jogos e festas. Por exemplo, a relação com o trabalho varia de acordo com o sexo e a idade; já quanto à sexualidade, as *marginalidades* – isto é, tudo o que se desvia do normativo – são muitas e complexas. Essa mesma multiplicidade ocorre na relação dos sujeitos com o discurso: a maioria de nós tem de se sujeitar às regras discursivas, entretanto existem aqueles que escapam à norma, como os poetas e os profetas, cujas palavras têm sentido simbólico e podem revelar uma verdade oculta. Em qualquer um desses domínios, as formas de exclusão são diferentes para diferentes sujeitos. Não obstante, o louco é aquele que é excluído em todos os domínios. Por isso, a *História da Loucura* propõe entender os processos históricos que levaram a essa exclusão.

Para acompanhar essa história, Foucault parte de um *grau zero da loucura*, um momento histórico em que ela é uma "experiência indiferenciada, experiência ainda não

partilhada da própria partilha.” (FOUCAULT, 2002b, p. 152). Apoiando-se na leitura do *Fedro* (Platão), Foucault alude, por exemplo, ao fato de que, entre os gregos antigos, várias “loucuras” (*mania*) eram prestigiadas entre os deuses: a loucura profética (Apolo), a loucura ritual (Dionísio), a loucura poética (as Musas) e a loucura erótica (Afrodite).

A História da Loucura na Idade Clássica atravessou, entre os séculos XVI e XVIII, três experiências históricas:

1. No Renascimento (século XVI) inicia-se uma espécie de cisão que se opera entre duas formas de loucura. Há, por um lado, a experiência crítica da loucura, na qual ela dialoga com a razão, à distância, a fim de dirigir sua força crítica à ilusão humana. Essa crítica está tematizada no *Elogio da Loucura*, de Erasmo; está também personificada em figuras como o “bobo da corte” e o “louco no teatro e na literatura”, cujas falas podem transgredir as normas e, assim, desvelar os jogos sociais e políticos. Por outro lado, há, nessa mesma época renascentista, a experiência trágica da loucura, pensada como inquietante, assustadora, que tem parte com as forças do Mal e das trevas. Ela foi figurativizada, por exemplo, na pintura *Stultifera Navis* de Hieronymus Bosch (1490-1500) ou em outra tela sua, intitulada *Extração da Pedra da Loucura* (1480) na qual pode-se ler a inscrição *Mestre, extrai-me a pedra, meu nome é Lubber Das*.

Figura 1: A experiência trágica da loucura

Fonte: Hieronymus Bosch. *A Extração da Pedra da Loucura* (1475-1480)
Óleo sobre madeira, 48 cm x 35 cm. Museu do Prado, Madrid, Espanha.

2. No século XVII a loucura é rejeitada e banida por dois movimentos, o filosófico e o prático. Assim, de um lado, ela é recusada do ponto de vista *filosófico* por um gesto

soberano da razão, que a exclui e a relega ao silêncio. Essa exclusão aparece nas *Primeiras Meditações* (Descartes, 1641), na medida em que ao afirmar "Ora, são loucos!" o filósofo racionalista separa a loucura da possibilidade de pensamento. O Racionalismo propõe que há proximidade entre a loucura, o sonho e o erro. A dúvida metódica ("como podemos ter certeza das coisas?") instaura a incerteza sobre o fato de podermos estar sonhando, de que podemos ser loucos e não sabermos disso. Entretanto, Descarte coloca a loucura sob o domínio da Razão ao afirmar que se sabemos que estamos sonhando, por meio do pensamento racional, não somos loucos. Assim, à luz da Razão, a loucura é expulsa como erro. Ao mesmo tempo, há a recusa do ponto de vista da *experiência prática*, quando a loucura é confinada, internada em um grande movimento que tem motivos econômicos, políticos, morais e religiosos. Trata-se do acontecimento histórico que Foucault denomina como o *Grande Internamento*, por meio do qual os *desordeiros* são colocados atrás dos muros do hospital, isto é, além dos insensatos, também são enclausurados os pobres, os ociosos, os vagabundos, os devassos, os homossexuais etc. Assim, a loucura transforma-se em *desrazão* quando ela se dilui no grupo dos internos que é preciso *cuidar* e *corrigir*:

Figura 2: Imagem de senhoras regentes de Asilo

Fonte: Frans Hals, *As Regentes*, 1664.
Óleo sobre tela. 170,5 cm x 249,5 cm. Frans Hals Museum, Haarlem, Holanda.

Em entrevista ao filósofo holandês Fons Elders, em 1971, Foucault afirma que a tela *As Regentes* (Frans Hals, 1664) é uma materialidade que representa muito bem para ele esse momento da história da loucura:

> É em ***As Regentes*** que minha pesquisa histórica sobre a loucura é ilustrada melhor. À volta de uma mesa estão estas cinco velhas cuja função é segurar, dirigir esta casa de reclusão, onde durante o século XVII e depois no século XVIII, todas as pessoas socialmente sem valor - os desordeiros - estiveram presos. Essas mulheres são na verdade a expressão da racionalização de nossa sociedade que separa razão e loucura. No centro da pintura, vemos um leque de mão fechado, símbolo de todos os prazeres, da futilidade da sociedade dobrada sobre si mesma, excluída. Olhando para os dois lados [da pintura], vemos também à direita uma mulher segurando seu grande registro sob a mão; essa é a contabilidade da vida, das coisas. E à esquerda, vemos uma mulher segurando moedas na mão; ou seja, basicamente a economia contábil do Ocidente. Juntas, elas retêm a experiência da loucura. E é a partir daqui que a ciência da loucura pode se desenvolver. Minha história da loucura é de fato mais bem ilustrada pela pintura de Frans Hals. [3]

3. No século XVIII, a loucura é separada das outras formas do internamento (pobres, devassos, desempregados etc.). Neste momento constrói-se o relato hagiográfico de que Pinel foi o grande salvador que rompeu as correntes dos loucos e os libertou. Essa imagem se consolidou como o gesto inaugural do nascimento do alienismo e fortaleceu o mito de Pinel desacorrentando e libertando os alienados dos hospitais gerais de Paris (*Bicêtre* e *La Salpêtrière*). A materialidade desse gesto foi consagrado na tela de Tony Robert-Fleury, *Pinel em La Salpêtriere*, de 1794.

Figura 3: Pinel rompe as correntes e liberta os loucos do Hospital

Fonte: Tony Robert-Fleury, *Phillipe Pinel à La Salpêtriere*, 1794.
Óleo sobre tela, Britsh Museum, Londres, UK.

[3] Entrevista a Fons Elders, 1971. Disponível em: https://youtu.be/qzoOhhh4aJg . Acesso em: 08/03/2022.

Foucault desconstrói, na sua *História da Loucura*, esse relato hagiográfico; ele mostra que Pinel não libertou os loucos, ao contrário, enclausurou-os no espaço dos hospícios, sujeitando-os à terapêutica e ao controle do médico. Com Pinel, a loucura se transforma em doença mental. Com Pinel, a loucura torna-se objeto da ciência e, assim, pode ser olhada como uma realidade observável, cuja verdade é atestada pelo seu avesso, o *normal*.

A escrita da história da loucura, por meio dessas três experiências históricas que se desenrolaram desde o Renascimento até o século XVIII, mostra um trajeto em que a loucura passou de um conceito indistinto a objeto da ciência no nascedouro das *psis* (Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise). Trata-se, portanto, de uma visada epistemológica sobre esse objeto (*loucura*) que, em uma lenta transformação ao longo dos séculos torna-se objeto de um saber das ciências clínicas (*doença mental*) e esse movimento coincide com o advento da modernidade.

As materialidades dos discursos têm papel central para as reflexões de Foucault ao percorrer essa trajetória da constituição da loucura e suas transformações. São essas materialidades discursivas que delimitam os acontecimentos e tecem a história foucaultiana. Assim, como assevera Albuquerque Júnior (2013, p. 96), trata-se de um arqueólogo que dá proeminência ao olhar e esta é mais uma das grandes novidades do livro de Foucault. Essa "arqueologia do olhar sobre a loucura" se inicia com a imagem da *Stultifera Navis* (*Nau dos Loucos*) e explora a visualidade das pinturas de Bosh e de Brueghel até encontrar, na modernidade, as expressões do insano em Goya e Van Gogh.

LEITORES CRÍTICOS DA HISTÓRIA DA LOUCURA

Sendo um estudo tão vasto e tão denso, era de se esperar que, ao lado dos louvores, também provocasse polêmicas e controvérsias. Isso vem ocorrendo ao longo dos seus 60 anos. Muito sumariamente, podemos elencar dois campos em que as críticas foram mais frequentes: em algumas correntes da História e algumas da Psicologia.

Quanto aos historiadores, particularmente os de visada tradicional e alguns marxistas, eles criticam a metodologia e as fontes históricas utilizadas por Foucault, considerando que são estranhas e que se baseiam em textos e acontecimentos obscuros. Em relação às fontes históricas, sabe-se que Foucault redigiu o texto de sua tese enquanto estava na Suécia, em Upsalla, e que tinha à sua disposição uma massa vastíssima de

documentos doados pelo doutor Erik Waller à biblioteca Carolina Rediviva. Tratava-se de vinte e cinco mil documentos, entre cartas, manuscritos, livros raros e obscuros assim como um grande acervo de tratados médicos sobre o tratamento dos insanos e sobre as instituições hospitalares e de caridade. Essa massa heteróclita de documentos assusta os historiadores tradicionais que, até hoje, criticam Foucault pelos seus temas e pelos seus arquivos. Criticam, portanto, o pirotécnico Foucault que, nas palavras de Roudinesco, nunca esteve em campos consolidados e estabilizados:

> Foucault mantinha-se como um teórico, um filósofo, um militante. Ele lutava pela emergência de uma história da loucura mas não vivia entre os loucos. E era em Bataille e em Nietzsche que se apoiava para fazer surgir da razão ocidental uma parte maldita irredutível a qualquer forma de autoridade discursiva. Daí o combate que travou com e contra os historiadores, para dar a palavra ao arquivo transgressivo, isto é, ao documento bruto e alucinatório, ao texto infame, ao traço não do especialista, do juiz ou do censor, mas ao do louco, do criminoso, do assassino. (ROUDINESCO, 1994, p. 13)

No campo das ciências *psi*, houve reações diversas: o estudo foi acolhido com interesse por alguns (especialmente os de orientação liberal e marxista) e rejeitado por parte dos mais conservadores. Dentre esses detratores, o que mais os irritou foi o fato de Foucault ter colocado em questão a verdade e a pretensão natural e científica da Psicologia e da Psiquiatria, mostrando que sua cientificidade se baseou em práticas coercitivas que visavam ao controle da loucura. Do ponto de vista de Foucault, quando a loucura se torna objeto das ciências *psi* ocorre aí uma cisão, um bloqueio que leva ao silenciamento da loucura:

> A constituição da loucura como doença mental, no final do século XVIII, estabelece a constatação de um diálogo rompido, dá a separação como já adquirida e enterra no esquecimento todas essas palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, um tanto balbuciantes, nas quais se fazia a troca entre a loucura e a razão. A linguagem da psiquiatria, que é monólogo da razão sobre a loucura, só pôde se estabelecer sobre um tal silêncio. Eu não quis fazer a história dessa linguagem, mas a arqueologia desse silêncio. (FOUCAULT, 2002b, p. 153)

O livro foi lido, por muitos movimentos sociais, a partir de 1968, como uma crítica radical das instituições psiquiátricas. Para os defensores da psiquiatria tradicional desenvolvida desde Pinel, Foucault produziu, com seu livro, um libelo *psiquiatricida* e,

por isso, ele é visto como o "pai fundador da antipsiquiatria", que "trabalha para destruir a medicina humanista e libertadora estabelecida por Pinel" (BARUK, citado por ERIBON, 1990, pag. 133).

Apesar de vigorosas, não são essas críticas, entretanto, as que mais desafiaram e provocaram Michel Foucault. Vem do campo da Filosofia o embate mais áspero, na voz polêmica de Jacques Derrida. Em várias narrativas, como as de Eribon (1990) e Roudinesco (1994), podemos acompanhar o delineamento do contexto em que se deu a fala de Derrida com críticas à *História da Loucura*: "o tom da conferência é vigoroso, às vezes duro. Apesar de sua admiração por esse livro 'monumental', o 'discípulo' não está disposto a poupar o mestre." (ERIBON, 1990, p. 128). Ou, como detalha Roudinesco (1994, p. 29-31), Foucault estava presente à sala onde se realizava a conferência e permaneceu em silêncio.[4] Sua resposta a Derrida só viria em 1972, com a publicação na revista *Paideia* do texto *Resposta a Derrida* (FOUCAULT, 1972; 2002d). No mesmo ano, é publicada a segunda edição de História da Loucura, que traz como anexo uma ampliação da resposta, com o título *Meu corpo, este papel, este fogo* (FOUCAULT, 1972; 2014a). Assim, a resposta só emerge nove anos depois das críticas de Derrida. Eribon (1990, p. 129) nos conta que Foucault enviou um exemplar a Derrida, com uma pequena dedicatória: "Desculpe lhe responder tão tarde!"

As principais críticas dirigidas por Derrida à *História da Loucura* de Foucault podem ser sumarizadas em três perspectivas: a abordagem histórica, a proposta metodológica e (mais importante) a interpretação filosófica da relação entre o *cogito* cartesiano e a loucura (DERRIDA, 1967; 1995).

A crítica histórica centra-se na periodização estabelecida por Foucault que – conforme apontamos – propõe a emergência da exclusão dos loucos no século XVI que resulta no *Grande Internamento* no século XVII e se transforma em objeto da ciência (doença mental) no século XVIII. Para Derrida, a emergência da loucura teria ocorrido em momento muito anterior. Além disso, aponta Derrida, os acontecimentos históricos e

---

[4] *Cogito e História da Loucura* é o título da conferência proferida por Jacques Derrida no Colégio Filosófico, em 4 de março de 1963. O texto da conferência foi publicado em 1964 na *Revue de Métaphysique et de Morale* (nº 3-4). Uma republicação desse texto apareceu em Derrida (1967; 1995). Essa sequência de publicações mostra a importância que Derrida atribuiu, nessa década de 1960, a esse seu texto.

políticos que marcam as emergências propostas por Foucault não justificam essa escansão temporal.

A crítica à metodologia empregada, denominada por Foucault como uma *arqueologia do silêncio*, leva Derrida a considerá-la como um método híbrido derivado de uma epistemologia histórica que compreende a história das ciências como indissociável de uma história das idéias (na qual a filosofia tem um papel decisivo). Para Derrida, essa metodologia levou Foucault a entender que o silêncio do louco só pode ser compreendido por uma linguagem da ordem.

O centro das críticas de Derrida, entretanto, situa-se no campo da Filosofia e diz respeito à relação entre o *Cogito* cartesiano e a loucura. Trata-se de uma discussão em torno da interpretação que Descarte faz na *Primeira Meditação* (1641) sobre o papel do pensamento racional no estabelecimento da loucura. Assim, a polêmica entre Foucault e Derrida versa sobre o estatuto do *Cogito* cartesiano em relação à história da loucura. Foucault separa em Descartes o exercício da loucura e do sonho: no primeiro, a loucura era excluída, no segundo ela fazia parte das virtualidades do sujeito, cujas imagens sensíveis se tornavam enganosas sob a ação do *Gênio Maligno* (*Malin Génie*). Derrida recusa essa tese de Foucault, recusa-se a ver na frase das *Meditações*, “Ora, são loucos!” o degredo da loucura. Assim, onde Foucault fazia Descartes dizer que “o homem pode muito bem ser louco, mesmo que o *Cogito* não o seja”, Derrida replicava que, com a ação do *Cogito*, o pensamento não mais precisava temer a loucura porque “o *Cogito* vale mesmo se sou louco”. Por conseguinte, Derrida conclui que (ao contrário das teses foucaultianas) para Descartes, a loucura está incluída no *Cogito*. (ROUDINESCO, 1994, p.29-30).

RESPOSTAS DE FOUCAULT A DERRIDA, 9 ANOS DEPOIS

A resposta de Foucault às críticas de Derrida demora nove anos para sair a público. Ela aparece, primeiramente, sob a forma do texto *Resposta a Derrida* (1972; 2002d) e, em outra versão, surge como anexo à segunda edição da *História da Loucura*, agora como o texto *Meu corpo, este papel, este fogo* (1972; 2014a).

A resposta de Foucault (2014a, pag. 87-112) é redigida em duas partes: a primeira é uma longa discussão filosófica sobre o estatuto do *cogito* cartesiano, a segunda parte é

“um ataque em regra e *ad hominem* contra o conjunto da abordagem derridiana, que reduziu-a a uma ‘textualização’ e a uma pequena pedagogia” (ROUDINESCO, 1994, p. 32).

Em relação às críticas de Derrida sobre sua interpretação do *cogito* nas *Primeiras Meditações* cartesianas, Foucault inicia o texto com fina ironia:

> Nas páginas 56 a 59 da *História da Loucura*, eu disse que o sonho e a loucura não tinham o mesmo *status* nem o mesmo papel no desenvolvimento da dúvida cartesiana: o sonho permite duvidar desse lugar onde estou, desse papel que eu vejo, dessa mão que eu estendo; mas a loucura não é um instrumento ou uma etapa da dúvida: porque “*eu* que penso não posso ser louco”. Exclusão, portanto, da loucura…” (FOUCAULT, 2014a, p. 87)

Foucault alude ao fato de Derrida ter reduzido as 650 páginas da *História da Loucura* a uma crítica focada em apenas 3 páginas. Contrapondo-se a Foucault, Derrida atribui a afirmação de Descarte (“Ora, são loucos”) a uma outra voz. Com esse artifício, segundo Foucault (2014a, p. 105) Derrida “inventa uma alternância de voz que deslocaria, relançaria para fora e expulsaria do próprio texto a dúvida sobre o pensamento dos loucos.” Com isso, Derrida garante o fechamento do discurso cartesiano a qualquer acontecimento exterior, só admitindo, assim, a interioridade da Filosofia, a sua verdade intrínseca.

Insistindo no tom irônico, Foucault afirma que não se propõe a responder às críticas, mas a fazer algumas observações. Essencialmente, Foucault aponta três equívocos nas críticas de Derrida, que derivam de sua concepção de *filosofia*:

a) Derrida pretende denunciar uma falha em *História da Loucura* na sua relação fundadora com a Filosofia;
b) Derrida considera a Filosofia como a lei de todo discurso e vê um desvio dessa lei em *História da Loucura*, como uma falha (misto do pecado cristão com o lapso freudiano);
c) Derrida considera que a Filosofia está aquém e além de todo acontecimento; assim ela excede, em sua desmedida, tudo o que pode acontecer na ordem do saber, das

instituições, das sociedades etc. Por exemplo, Derrida não aceita a análise de acontecimentos "irrisórios" como o faz Foucault ao apontar o *Grande Internamento*.[5]

Para Foucault, esses três equívocos derridianos têm em sua base a concepção de Filosofia *ensinada na França* naquele momento. Uma Filosofia pensada como a crítica universal de todo saber, sem análise real do conteúdo e das formas desse saber. Ao mesmo tempo, essa Filosofia é uma injunção moral que só se desperta com sua própria luz já que se nutre de um comentário infinito de seus próprios textos, sem relação com nenhuma exterioridade. Essa concepção essencialista da Filosofia leva Derrida a não entender dois pontos fulcrais que embasam a *História da Loucura*: a) existem condições e regras de formação do saber às quais o discurso filosófico está submetido em cada época e b) é possível analisar os acontecimentos, os saberes e as formas sistemáticas que articulam discursos, instituições e práticas. O cerne da refutação das teses de Derrida está, portanto, na maneira de pensar o lugar e a função da Filosofia; para Foucault, "não se pode subordinar o acontecimento histórico e múltiplo da exclusão da Loucura na Idade Clássica ou seu esquecimento na Idade Moderna somente a partir de um problema de interpretação da filosofia cartesiana" (CANDIOTTO; PORTOCARREIRO, 2013, p. 285).

Depois da publicação dessa resposta-crítica de Foucault, os dois não se viram mais durante nove anos. A relação foi reatada quando, em 1981, Derrida apresentava um Seminário em Praga para intelectuais dissidentes, foi preso, acusado de tráfico de drogas. De Paris, Foucault interveio e apressou-se a defendê-lo, lançando apelo em seu favor pelo rádio (ROUDINESCO, 1994, pag. 32). Até a morte de Foucault, em 1984, eles se falaram algumas vezes.

No texto apresentado no Seminário que comemora os 30 anos de *História da Loucura*, Derrida presta sua homenagem a Foucault, afirmando no final de sua fala:

> Tento imaginar ainda a resposta de Foucault. Não consigo. Eu precisaria que ele próprio se encarregasse disso. Mas nesse lugar onde ninguém pode responder por ele, a partir de agora, nesse silêncio

---

[5] Acentuando sua preocupação em pensar a Filosofia articulada à História e aos acontecimentos, assim se expressa Foucault na entrevista denominada *O Grande Internamento*, publicada no mesmo ano que esta resposta de Foucault a Derrida (FOUCAULT, 1972; 2002d): 'Foi somente quando o capitalismo iniciante encontrou-se confrontado com novos problemas, sobretudo com o da mão-de-obra, o dos desempregados, e quando as sociedades do século XVII conheceram grandes insurreições populares, na França, na Alemanha, na Inglaterra etc. foi somente nesse momento que se recorreu ao internamento." (FOUCAULT, 2002e, pag. 286).

> absoluto no qual, entretanto, continuamos voltados para ele, me arrisco a apostar que, com uma frase que não direi em seu lugar, ele teria associado, mas também dissociado, ele teria tratado igualmente, não dando mais razão a um do que ao outro, o domínio e a morte, ou, o que dá no mesmo, à morte como ao que domina. (DERRIDA, 1994, p. 57)

A partir da 2ª edição de *História da Loucura*, em 1972, Foucault mantém todo o conteúdo do livro de 1961 e acrescenta dois textos em anexo: a resposta a Derrida (*Meu corpo, este papel, este fogo,* 1972; 2014a) e *A loucura, a ausência da obra* (1964; 2002a). O fato de inserir a resposta a Derrida a partir da segunda edição tem uma relação muito forte com as duas alterações que passam a vigorar a partir de então: a primeira, a mudança no título do livro no qual é eliminada a primeira parte (*Folie et Déraison* - *Loucura e Desrazão*), passando a chamar-se *História da Loucura na Idade Clássica*; a segunda mudança é a eliminação do Prefácio de 1961, substituído por um “não-prefácio”. Mais curto, esse novo prefácio incorpora os desenvolvimentos das obras posteriores de Michel Foucault, particularmente o aprofundamento sobre a *arqueologia do saber* e a forte centralidade que o *discurso* assumira no pensamento foucaultiano. Afinal, em 1971 ele já desenvolvera as ideias de *A ordem do Discurso* e se encaminhava para a elaboração da analítica do poder e tudo o que viria no cerne de sua proposta *arqueogenealógica*.

Esses temas discursivos já eram embrionários na primeira edição de *História da Loucura*. No Prefácio de 1961 ele agradecia a Georges Dumézil, “pois sem ele este trabalho não teria sido realizado”. Anos depois, na aula inaugural de 1970 (*A ordem do Discurso*), Foucault explicita essa importância de Dumézil para o seu trabalho:

> Foi ele (Dumézil) que me ensinou a analisar a economia interna de um discurso de maneira muito diferente daquela dos métodos de exegese tradicional ou a do formalismo linguístico; foi ele que me ensinou a detectar, de um discurso ao outro, pelo jogo das comparações, o sistema das correlações funcionais; foi ele que me ensinou a descrever as transformações de um discurso e suas relações com as instituições. (FOUCAULT, 1996, p. 71)

MAS VOCÊ ACABA DE FAZER UM PREFÁCIO! PELO MENOS É CURTO.

“Suprimamos o antigo Prefácio”. Com essas palavras Foucault expressa a necessidade de reinserir a *História da Loucura* na história de suas leituras. O não Prefácio que passa a acompanhar o livro a partir de sua segunda edição coloca em causa a figura

do autor, questionando esse lugar discursivo que prescreve os sentidos, que controla as interpretações. Não nos esqueçamos de que essa figura do autor já fora objeto de estudos de Michel Foucault, numa conferência proferida em 1969 que se tornou o denso ensaio chamado *O que é um autor?* (FOUCAULT, 1992). É possível ver a ressonância desse ensaio de 1969 no não-Prefácio de *A História da Loucura*. Alguns indícios nos guiam para a importância que a figura do autor representa nessa nova edição do livro. No ensaio *O que é um autor?*, depois de discutir as funções históricas, sociais e discursivas dessa figura, Foucault propõe que ao problematizá-la será possível colocar em causa a própria representação do sujeito em uma certa época; será possível enunciar novas questões para os sujeitos e seus discursos em substituição a algumas perguntas tradicionais. Assim, recolocar a questão do autor provoca novas questões:

> Não mais colocar a questão: como a liberdade de um sujeito pode se inserir na consistência das coisas e lhes dar sentido, como ela pode animar, do interior, as regras de uma linguagem e manifestar assim as pretensões que lhe são próprias? Mas antes colocar essas questões: como, segundo que condições e sob que formas alguma coisa como um sujeito pode aparecer na ordem dos discursos? Que lugar ele pode ocupar em cada tipo de discurso, que funções exercer, e obedecendo a que regras? Trata-se, em suma, de retirar do sujeito (ou do seu substituto) seu papel de fundamento originário, e de analisá-lo como uma função variável e complexa do discurso. (FOUCAULT, 1992, p. 26)

Essa operação que reinsere a função discursiva do autor aparece fortemente no não-Prefácio, no qual Foucault exprime o desejo de que "aquele que aconteceu escrevê-lo" não pudesse reivindicar ser o seu senhor, de impor o que o livro queria dizer. Ao mesmo tempo, Foucault expressa a certeza de que, uma vez publicado, um livro tem de submeter-se ao ciclo infinito das interpretações e dos comentários:

> Um livro é produzido, evento minúsculo, pequeno objeto manejável. A partir daí, é aprisionado num jogo contínuo de repetições. [...] os comentários desdobram-no, outros discursos no qual enfim ele mesmo deve aparecer, confessar o que se recusou a dizer, libertar-se daquilo que ruidosamente fingia ser. (FOUCAULT, 2004b, p. VII)

Vemos, novamente, que esse não-Prefácio está fortemente relacionado com os estudos que Foucault realizou durante a década de 1960 e que culminou com sua aula

sobre *A ordem do Discurso*. Ali, as figuras do autor e do comentário são apresentadas como mecanismos que controlam a raridade da aparição de um certo discurso. Autor e comentário são os dois lados de um mesmo fenômeno, o da rarefação dos discursos: se, por um lado, o autor tende ao fechamento das interpretações, por outro lado, os comentários desdobram as leituras ao infinito. Fechamento e abertura são características dos jogos da ordem do discurso.

É justamente nesse jogo entre fechamento e abertura que o não-Prefácio distingue *texto* de *discurso*. O texto é um produto acabado, fechado, cujos sentidos estão dominados por figuras como o autor. Não é sem motivo que em sua resposta a Derrida (FOUCAULT, 2014a, p. 111), no ápice de sua crítica, Foucault afirma que seu detrator "textualizou" a sua leitura, isto é:

> [Derrida fez] redução das práticas discursivas a vestígios textuais; elisão de acontecimentos para só reter marcas para sua leitura; invenção de vozes por trás dos textos para não ter de analisar os modos de implicação dos sujeitos nos discursos; citação do originário como o dito e o não dito no texto para não enxergar as práticas discursivas no campo das transformações onde elas se efetuam.

Ao contrário, o *discurso* é processo, abertura, movimento. Por isso, finalizo este meu texto com a lindíssima citação do não-Prefácio e que expressa – para a maioria dos leitores de *História da Loucura* que o tem lido como um *discurso* – a sua radical importância nos últimos 60 anos:

> Em suma, gostaria que um livro não se atribuísse a si mesmo essa condição de texto ao qual a pedagogia ou a crítica saberão reduzi-lo, mas que tivesse a desenvoltura de apresentar-se como discurso: simultaneamente batalha e arma, conjunturas e vestígios, encontro irregular e cena repetível. (FOUCAULT, 2004, p. VIII)

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Quebrar o ovo, furar o olho, fazer o corte: a História da Loucura na Idade Clássica como a história de um silêncio e de uma obscenidade. In: MUCHAIL, *Salma* Tannus e outros (org.). *O mesmo e o outro. 50 anos de História da Loucura.* Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CANDIOTTO, Cesar; PORTOCARREIRO, Vera. Ressonâncias interpretativas e políticas de *História da Loucura* no Brasil. In: MUCHAIL, *Salma* Tannus e outros (org.). *O mesmo e o outro. 50 anos de História da Loucura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CANGUILHEM, Georges. Abertura. In: ROUDINESCO, Elizabeth e outros. *Foucault. Leituras da História da Loucura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, p. 37.

DERRIDA, Jacques. Cogito et Histoire de la Folie. *L'écriture et la différence*. Paris: Éd. Du Seuil, 1967.

______. Fazer justiça a Freud. A história da loucura na era da psicanálise. In: ROUDINESCO, Elizabeth e outros. *Foucault. Leituras da História da Loucura.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

______. Cogito e História da Loucura. In: *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault. Uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

______. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

FOUCAULT, Michel. *Folie et Déraison. Histoire de la folie à l`Âge Classique.* Paris: Plon, 1961.

______. La folie, absence de l'ouvre. *La table ronde*, nº 196. Situation de la psychiatrie, 1964, p. 11-21.

______. Response a Derrida. *Paideia*, nº 11, 1972, p. 131-147.

______. *Histoire de la Folie à l´âge classique*. Paris: Gallimard, 1972.

______. Mon corps, ce papier, ce feu. In: *Histoire de la folie*. Paris: Gallimard, 1972, p. 583-603.

______. *O que é um autor?* Lisboa: Nova Vega, 1992.

______. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

______. A loucura, a ausência da obra. In: BARROS DA MOTTA, MANOEL (org.). *Michel Foucault. Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002a. Coleção Ditos & Escritos, vol. I, p. 210-219.

______. Prefácio (*Folie et déraison*). In: BARROS DA MOTTA, MANOEL (org.). *Michel Foucault. Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise.*

Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002b. Coleção Ditos & Escritos, vol. I, p. 152-164.

______. A loucura e a sociedade. In: BARROS DA MOTTA, MANOEL (org.). *Michel Foucault. Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002c. Coleção Ditos & Escritos, vol. I, p. 259-267.

______. Resposta a Derrida. In: BARROS DA MOTTA, MANOEL (org.). *Michel Foucault. Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002d. Coleção Ditos & Escritos, vol. I, p. 268-284.

______. O Grande Internamento. In: BARROS DA MOTTA, MANOEL (org.). *Michel Foucault. Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002e. Coleção Ditos & Escritos, vol. I, p. 285-296.

______. *História da Loucura.* São Paulo: Perspectiva, 2004.

______. Meu corpo, esse papel, esse fogo. In: BARROS DA MOTTA, MANOEL (org.). *Michel Foucault. Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. Coleção Ditos & Escritos, vol. X, p. 87-112.

______. A loucura e a sociedade. In: BARROS DA MOTTA, MANOEL (org.). *Michel Foucault. Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. Coleção Ditos & Escritos, vol. X, p. 312-335.

MUCHAIL, Salma Tannus e outros (org.). *O mesmo e o outro. 50 anos de História da Loucura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ROUDINESCO, Elizabeth e outros. *Foucault. Leituras da História da Loucura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ROUDINESCO, Elizabeth. Introdução. In: *Foucault. Leituras da História da Loucura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

Recebido em fevereiro de 2022.

Aceito em março de 2022.